

LINGÜÍSTICA Novos estudos reacendem polêmica entre linguagem e pensamento

O retorno da hipótese de Sapir-Whorf

Konrad Szczesniak

Faculdade da Língua Inglesa,
Universidade da Silésia (Sosnowiec, Polônia)

Atualmente, está na moda dizer que as pessoas pensam em sua língua materna. Quer por patriotismo, quer por desinformação, muitos dizem que ser brasileiro é, entre outras coisas, ‘pensar em português’, ou que a comunicação internacional é hoje praticamente impossível porque os norte-americanos ‘pensam em inglês’, uma língua fria, ou muito menos acolhedora que o português. Tais convicções são tão comuns e parecem tão evidentes que poucos questionam sua legitimidade.

A questão da relação entre a fala e o pensamento já era discutida pelos gregos antigos e pelos filósofos alemães do século 19. Hoje, porém, tal questão é associada normalmente ao trabalho de dois lingüistas e antropólogos norte-americanos, Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941), que formalizaram as noções de que o pensamento seria dependente da linguagem.

Ao estudar as línguas indígenas norte-americanas, Sapir e Whorf constataram que elas eram muito estranhas para um falante de inglês. Uma das características mais intrigantes, na qual eles concentraram sua atenção, era a ausência de tempo na língua Hopi – ou seja, essa língua não dispunha de palavras ou estruturas gramaticais que exprimissem a idéia de passagem do tempo. Sugeriram então que isso significava que os falantes de Hopi não eram capazes de pensar no tempo e que não viam o tempo como uma progressão contínua: a partir do passado, passan-



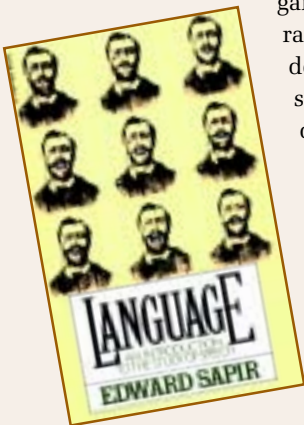
Edward Sapir
e Benjamin Lee Whorf

do pelo presente e em direção ao futuro. Uma consequência lógica dessa descoberta seria admitir que as palavras provocam e moldam nosso pensamento.

Em seu lendário livro *Linguagem: uma introdução ao estudo da fala*, publicado em 1920 (disponível na internet em www.bartleby.com/186/), Sapir argumentou que, mesmo em momentos de silêncio, sem serem pronunciadas, as palavras são usadas durante o processo de pensamento. Segundo ele, as pessoas, ao pensar, “deslizam para um fluxo silencioso de palavras”, que servem como “cápsulas de pensamento que contêm milhares de experiências distintas”. Essas idéias foram desenvolvidas e radicalizadas mais tarde por Whorf e são hoje conhecidas como a ‘hipótese de Sapir-Whorf’. Em sua forma mais dura, essa hipótese diz que sem as palavras e sem os conceitos que elas trazem, sequer seria possível pensar.

Existe um exemplo ideal para entender como, de acordo com Sapir e Whorf, a linguagem gera o pensamento. Portugueses e brasileiros orgulham-se do fato de sua língua conter uma palavra especial que define a alma lusa: ‘saudade’. Argumentam que essa

Linguagem: uma introdução ao estudo da fala, de Edward Sapir, publicado em 1920



palavra não existe em qualquer outra língua, o que deve significar que só os lusófonos são capazes de sentir, no fundo do coração, essa melancolia angustiante.

O argumento é errado, por duas razões. Primeiro, outras línguas também têm um substantivo que corresponde a 'saudade' (em polonês, por exemplo, a palavra *tesknota* também – posso garantir – exprime estados da mais sincera tristeza causada por uma ausência). Segundo, mesmo que 'saudade' de fato só existisse em português, custaria acreditar que só 0,03% da população mundial fosse capaz de sentir a falta de alguém ou de uma terra, e que o resto do mundo fosse tão desumanamente incapaz desse sentimento.

Ao contrário, uma das hipóteses mais básicas da psicologia moderna diz que as emoções existem independentemente das palavras e que as palavras não passam de meros rótulos aplicados a emoções e conceitos.

O lingüista e psicólogo Steven Pinker, da Universidade de Harvard, defende que há em todos nós emoções que não têm nomes em muitas línguas. Como exemplo, Pinker aponta um sentimento bastante conhecido: a satisfação que sentimos ao ver a desgraça ou o sofrimento de uma pessoa abominável. Esse tipo de satisfação não tem nome em inglês, ou em português, e dificilmente os falantes dessas línguas podem defini-la sem usar um grupo de palavras. Até onde sabemos, apenas uma língua dispõe de um vocábulo adequado: a palavra é *Schadenfreude* e só os alemães sentiram a necessidade de inventá-la. No entanto, isso não

impede que todos os seres humanos – e não só os alemães – estejam familiarizados com a delícia de assistir ao infortúnio de alguém que o mereceu.

Assim, a hipótese de Sapir-Whorf foi perdendo força. Ao longo dos anos, vários estudos empíricos e reflexões teóricas, iniciadas por Eric H. Lenneberg (1921-1975) e Roger W. Brown (1925-1997), apontavam cada vez mais in-



consistências nessa hipótese, tanto em sua forma dura (linguagem produz pensamento), quanto na mais moderada (a língua só molda e organiza os pensamentos, sem os originar). Foi comprovado, por exemplo, que certas comunidades, embora não disponham em suas línguas de vocábulos correspondentes a algumas cores, não têm problemas para ver tais cores e sabem muito bem distingui-las de outras. Do mesmo modo, as pessoas não precisam do vocabulário especializado de um pintor para perceber diferenças de cor quando lhes são mostrados o amarantino, o âmbar e o vermelho.

No livro *Termos de cores básicas*, publicado em 1969, Brent Berlin e Paul Kay, da Universidade da Califórnia, afirmam que, embora as línguas sejam bem diferentes quanto ao número de cores para as quais têm um nome específico (uma palavra), a maioria delas dispõe em seus léxicos de vocábulos para algumas cores básicas, como branco, preto, vermelho, verde, amarelo e azul. Por outro lado, existem línguas sem a palavra 'bege', mas cada indivíduo da espécie *Homo sapiens*, independentemente da língua que fala, percebe o bege como menos básico que o preto ou o vermelho.

Outro problema da hipótese de Sapir-Whorf é que ela implicaria acreditar que os animais são 'autômatos' não-pensantes – afinal, não falam. Como se fosse a última pá de terra no túmulo, o lingüista alemão Ekkehart Malotki, da Universidade de Münster, demonstrou que não é verdadeira a informação, de Whorf, de que a língua dos Hopi não tem meios para descrever a passagem do tempo. Em 1983, Malotki elaborou uma enorme lista de expressões Hopi que servem precisamente para descrever tempo. E os Hopi, claro, como o resto do mundo, também pensam no tempo.

Tornou-se claro, portanto, que a versão 'dura' da hipótese de Sapir-Whorf devia estar errada. Restava a possibilidade de que uma versão mais moderada ainda fosse convincente: a linguagem pode não ser fonte do pensamento, ou pode não moldar pensamentos nascidos independentemente das palavras, mas talvez só tenha esse efeito em 'alguns' tipos de pensamento. Para verificar essa possibilidade, um grupo de lingüistas – Peter Gordon, da Universidade de Columbia, junto com o casal Daniel e Keren Eve-

Desenhos feitos por artistas nativos Hopi, cuja língua, segundo Sapir e Whorf, não incluiria a noção de tempo. Essa hipótese foi derrubada em 1983 por Malotki, que listou várias expressões Hopi para descrever a passagem do tempo

Uma das hipóteses mais básicas da psicologia moderna diz que as emoções existem independentemente das palavras e que as palavras não passam de meros rótulos aplicados a emoções e conceitos

rett – estudou a tribo amazônica Pirahã, cuja língua só tem três maneiras de exprimir numerais. Além das palavras *hói* ('um'), *hoí* ('dois') e *baagi* ou *aibai* (que correspondem a 'muito; mais que dois'), os Pirahã não têm outros numerais. Para Gordon, os Pirahã e sua língua eram uma oportunidade excelente para averiguar a hipótese de Sapir-Whorf, bastando verificar se a relativa escassez léxico-numérica dessa língua estava ou não relacionada a uma percepção também falha de quantidades maiores que dois entre os seus falantes.

No artigo 'Numerical cognition without words: evidence from Amazonia' ('Cognição numérica sem palavras: evidência da Amazônia'), publicado em agosto de 2004 na revista *Science*, Gordon descreve como, durante suas três estadias na selva amazônica, observava os índios nas tarefas que envolviam quantidades maiores que três, ouvindo o que diziam e tentando ainda verificar se eles por acaso não usavam outros meios de exprimir números, como, por exemplo, algum tipo de gesticulação. Tendo excluído essa possibilidade, após várias observações, Gordon constatou que os Pirahã realmente não pareciam ver diferença alguma entre, por exemplo, oito, nove ou 10 pedaços de pau, e não conseguiam reconstituir, de memória, a ordem em que viram essas quantidades.

É importante ressaltar que a metodologia empregada pelo lingüista e o grande número de testes feitos parecem impecáveis, garantindo que os resultados não foram distorcidos, e claro, que os Pirahã não se divertiam à custa dos pesquisadores. Por incrível que pareça, os integrantes da tribo realmente não sabem o que fazer com numerais, considerando objetos em grandes quantidades como uma espécie de mundo desconhecido. As descobertas de Gordon e dos Everett excitaram o mundo a tal ponto que os maiores jornais e revistas chegaram a dizer solenemente que as idéias de Sapir e Whorf finalmente se confirmaram.

Entretanto, muitos lingüistas advertem que as dificuldades numéricas dos Pirahã podem ter outras causas não relacionadas com a língua. Inicialmente, considerou-se a possibilidade de os Pirahã serem deficientes mentais por casamentos consanguíneos, mas isso foi descartado, pois eles se mostravam normais em muitos outros aspectos, como orientação espacial ou táticas de caça. Uma causa muito mais plausível para esses problemas numéricos parece ser a mera falta de prática. Afinal, é muito natural que pessoas que nunca usaram números em sua vida fiquem atrapalhadas diante de formidáveis fileiras de oito pedaços de pau ou nove nozes, que o pesquisador branco quer que reconstruam de memória. Tal tarefa pode parecer banal para pessoas que contam diariamente altas somas de dinheiro (ou calo-

rias), e são obcecadas com o poder dos números (por exemplo, 'sexta-feira, 13'), mas para uma tribo que nunca se importou com quantidades isso deve ser uma novidade estranha. Assim, é bem provável que a falta dos numerais na língua reflita apenas a ausência de matemática na vida dos Pirahã, e não seja a causa de bloqueios mentais diante de números.

Apesar do entusiasmo de outros, o próprio Gordon admite que suas observações não servem para dar apoio absoluto a Sapir e Whorf. Se elas comprovam a influência da língua, é só em relação a umas poucas áreas limitadas de pensamento. Por mais interessante que esse assunto seja, é prudente encará-lo com cautela, pois parece que ainda teremos que esperar muito tempo para conhecer toda a verdade sobre a questão. Na psicologia, por exemplo, inúmeras teorias foram tidas como sensacionais e depois descartadas com desilusão. A própria hipótese de Sapir-Whorf também já viveu seus melhores dias, entrando até, graças aos eloquentes textos de seus autores, no *mainstream* cultural e despertando o interesse de não-especialistas, só para depois ser, alternadamente, aniquilada e ressuscitada com novas provas.

O que vai acontecer com essa hipótese? Realmente ninguém sabe. Mesmo os mais áspers críticos de Sapir e Whorf, como Pinker, deixam uma margem de dúvida, dizendo, por exemplo, que nossa língua materna pode de fato dirigir nosso pensamento, mas só no exato momento em que se fala. Alternativas desse tipo surgem em cada novo texto sobre a questão. O problema com tal hipótese é que, quanto mais se pensa na questão, mais possibilidades parecem surgir.

Com dados assim tão facilmente disponíveis, como os obtidos com os índios, é possível que sejam descobertos outros elos entre a linguagem e o pensamento. Mas é igualmente possível que nunca saibamos se Sapir e Whorf tinham razão. Por enquanto, as tecnologias de imageamento do cérebro não permitem definir onde acaba o pensamento e onde começa a palavra que o exprime – não podemos facilmente separar essas duas coisas observando imagens do cérebro na tela de um computador. O certo é que, graças ao encanto e à controvérsia da hipótese, não faltarão novos experimentos com o intuito de resolver o enigma de Sapir e Whorf, o que só vai proporcionar novos enigmas. ■

Mesmo os mais áspers críticos de Sapir e Whorf, como Pinker, deixam uma margem de dúvida, dizendo, por exemplo, que nossa língua materna pode de fato dirigir nosso pensamento, mas só no exato momento em que se fala